

A INEXISTÊNCIA DO OUTRO E OS SINTOMAS CONTEMPORÂNEOS DA CRIANÇA¹

MARGARET PIRES DO COUTO 

Margaret Pires do Couto¹

Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Professora do Programa de Pós-Graduação Clínica - Psicanálise com Crianças e Adolescentes da PUC-MG.

¹Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG, Brasil.

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir as mudanças apresentadas na sintomatologia das crianças no mundo contemporâneo, sintomatologia esta marcada pelas manifestações no corpo e pela primazia do gozo. Partindo da tese da inexistência do Outro, busca-se extrair suas consequências teóricas e clínicas para as manifestações do sofrimento na criança. Discutem-se a presença do gozo do Um separado do Outro e seu modo de manifestação nos sintomas das crianças. Evidencia-se a importância, no tratamento da criança, da constituição de um Outro que permita extrair o *falasser* de seu gozo solitário.

Palavras-chave: sintoma da criança; inexistência do Outro; gozo.

Abstract: The nonexistence of the Other and the contemporary symptoms of children. This article aims to discuss the changes presented in children's symptomatology in the contemporary world. These symptoms are marked by manifestations in the body and the primacy of *jouissance*. Based on the thesis of the nonexistence of the Other, we seek to extract its theoretical and clinical consequences for the manifestations of suffering in children. The work discusses the presence of *jouissance* of the One separated from the Other and how it manifests in children's symptoms. It highlights the importance of the constitution of an Other that allows extracting the *parlêtre* from their solitary *jouissance* for the treatment of children.

Keywords: symptoms of children; nonexistence of the Other; *jouissance*.

¹ O presente artigo é resultado da pesquisa de Pós-Doutoramento realizada no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019-2021), sob supervisão da professora Dra. Angélica Bastos.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142022-02-01>

Todo o conteúdo deste periódico, exceto onde estiver identificado, está licenciado sob uma licença Creative Commons (cc by 4.0)

INTRODUÇÃO

A prática de supervisão de estágio clínico, realizado em uma clínica escola de alunos do último ano do curso de Psicologia, permitiu constatar uma modificação na sintomatologia das crianças que chegavam para tratamento. Se, antes, na maioria dos casos, era possível detectar com maior clareza algum sintoma a ser tratado – impasses com o saber, inibições, fobias, agressividade etc. (COUTO, 2012) –, atualmente encontramos queixas mais difusas. Deparamo-nos com um grande número de crianças que apresentam uma série de perturbações no corpo, tais como agitação, sensações de estranheza, alterações na imagem, escarificações etc., bem como apresentam *perturbações no laço social* – condutas violentas e dificuldades de inserção nos grupos sociais.

Além disso, anteriormente, era notável como o sintoma se constituía em uma resposta articulada ao Outro, tanto familiar como escolar, indicando sua estrutura simbólica passível de interpretação e de decifração. Em contrapartida, hoje, observa-se que as desorganizações no corpo e as perturbações no laço social são acompanhadas pelo rechaço ao saber e ao Outro e por uma desorientação, tanto das crianças que chegam para o tratamento quanto dos pais e educadores que fazem o encaminhamento.

Trata-se de uma clínica que coloca, em primeiro plano, o corpo e suas perturbações, as condutas, constituindo-se mais como uma clínica dos impasses com o gozo do que com o desejo e com o recalçado. Uma clínica que exhibe elementos de uma desorganização subjetiva, pulsional, e de um rechaço ao Outro que oferece limitações para o trabalho de elaboração simbólica. Como material clínico, deparamo-nos com ausência de narrativas, poucos recursos simbólicos e pouco ou nenhum elemento da trama edípica, o que leva os profissionais a lançarem mão, durante os atendimentos, de recursos tecnológicos contemporâneos, como *smartphones, tablets*, iPhone, vídeos do YouTube etc., ou seja, a utilizarem primeiramente objetos que se conectam ao campo das imagens para que, a partir daí, essas imagens possam se articular ao campo da palavra.

A condução do tratamento também se torna outro ponto de impasse, já que, na ausência de endereçamento e apelo ao Outro, a suposição de saber e a aposta no inconsciente também são raras, tanto por parte da própria criança como dos pais e daqueles que fazem o encaminhamento. Submetidos ao discurso científico, todos buscam na clínica mais um diagnóstico – ancorado nos manuais psicopatológicos – que nomeie o sofrimento da criança e valide as práticas de cunho médico-cientificista do que um tratamento que os coloque em posição de enigma.

Como entender essa mudança na sintomatologia apresentada pelas crianças? Como ler essas manifestações sintomáticas que se localizam principalmente no corpo e como criar as condições de tratamento desses sintomas pela palavra?

Nossa hipótese é a de que a prevalência de perturbações corporais na clínica com crianças responde à inexistência do Outro no mundo contemporâneo e à presença de um gozo em excesso, opaco, autístico e sem sentido que irrompe no corpo, perturbando-o. Assim, o tratamento visará mais dar lugar às soluções e invenções desses pequenos seres falantes diante desse gozo perturbador do que produzir sentido para o seu sofrimento.

DO OUTRO AO UM

A tese da inexistência do Outro foi discutida por Jacques-Alain Miller e Éric Laurent no seminário *El Otro que no existe y sus comités de ética* (1996/2005). A ideia da inexistência do Outro surge precisamente na época dos referidos comitês, marcados pelo dissenso e pelo ceticismo quanto ao verdadeiro, quanto ao bom, quanto ao belo e quanto ao valor exato do dito, das palavras e das coisas. Miller e Laurent (1996/2005) também nomeiam esse momento “a época dos desenganados e da errância”, produzida pela pluralização do Nome do Pai. Trata-se, assim, de uma época em que imperam a ausência de segurança na tradição e a perda dos ideais e da confiança nos significantes mestres reguladores do gozo, promovendo, como efeito, a desmaterialização ou a vacilação dos semblantes e a consequente prevalência do Real.

Em seu primeiro ensino, Lacan apresenta o Outro como um campo simbólico, responsável pela inserção do sujeito na linguagem; campo no qual se decidem a intenção de significação e o sentido das palavras. O lugar do Outro (A) constitui-se como um ponto de basta da significação e, portanto, como lugar de determinação do sujeito do qual pode ser formulada a questão de sua existência. O Outro é o Outro da fala, é o campo no qual o sujeito “se reconhece e se faz reconhecer” (LACAN, 1955-1956/1988, p. 193).

Em *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58/1999), Lacan, por meio da análise do fenômeno do chiste, evidenciará como o Outro funciona como um terceiro que autentica o sentido e a presença de um sujeito desejante. Esse circuito cria, ao mesmo tempo, a mensagem e o Outro que a ratifica. A mensagem encontra o Outro, não como uma pessoa, mas como um lugar do significante, como sede do código e da Lei.

Nesse momento de seu ensino, Lacan postula a existência de um Outro do Outro, ou seja, a existência de um significante especial que funda a existência da Lei. Trata-se do significante do Nome do Pai, que ordena a linguagem e instaura uma ordem simbólica. Esse significante nodal é responsável pelos pontos de fixação entre os significantes e o significado, permitindo uma amarração que assegura a realidade do sujeito, além de indicar o caminho a ser seguido (MALEVAL, 2002).

Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro. (LACAN, 1957-1958/1999, p. 152).

Para Miller (2012), a consequência desse primeiro ensino de Lacan é manter o gozo velado. Ao priorizar o aspecto simbólico, Lacan evidencia que a satisfação advém da produção de uma cadeia significativa e do sentido homologado pelo Outro, que funcionaria como um garantidor da significação.

NÃO HÁ OUTRO DO OUTRO

A fórmula “Não há Outro do Outro” foi lançada por Lacan na lição de 8 de abril de 1959, durante a realização de seu sexto seminário – publicado como *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (1958-1959/2016). Lacan afirma que o grande Outro é o lugar da verdade ao qual o sujeito se endereça com a pergunta “O que você quer?”.

Será também nesse mesmo seminário que Lacan desenvolverá sua fórmula do S(A/ barrado) para indicar que ao Outro falta um significante que possa responder ao sujeito sobre seu ser e sua essência de verdade. Não há, no Outro, nenhum significante que possa responder sobre o ser do sujeito. Para Lacan, esse “é, por assim dizer, o grande segredo da psicanálise. O grande segredo é: não há Outro do Outro” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 322). Lacan retomará essa discussão em *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-1969/2008), na lição de 27 de novembro de 1968, intitulada “A topologia do Outro”, e apresentará a gênese da noção de inexistência do Outro.

Em *O seminário, livro 6*, Lacan demonstrará a inconsistência do Outro a partir da lógica dos conjuntos. Nesse seminário, Lacan inscreve a relação da inconsistência do Outro por meio do objeto a. Esse pequeno a impõe uma estrutura topológica ao Outro, que, ao evidenciar um furo, apresenta bordas que atraem, condensam e capturam o gozo. O gozo informe encontra sua forma nesse objeto a denominado por Lacan de *objeto mais-de-gozar*. Lacan tenta domesticar o fundo informe do gozo por meio do objeto. Ele é, portanto, uma forma avaliável do gozo, ou seja, um trabalho de logificação desse gozo (MILLER, 2007).

Assim sendo, Miller (2007) propõe resumir esse seminário por meio de um matema que indica que a consistência da fantasia encobre a inconsistência do Outro. O objeto a apreensível na fantasia serve de encobrimento para a falha no Outro.

Desse modo, o matema do S(A/) apresenta duas versões que se articulam entre si. Primeiramente, remete-nos à incompletude do Outro, ao revelar a falta de um significante que o completaria. Em um segundo momento, ganha também a face da inconsistência do Outro mediante o furo produzido pelo objeto a.

Nesse momento de seu ensino, Lacan dará lugar ao gozo, mas como mais de gozar, ou seja, atendo-se muito bem aos seus limites. Ele estabelece uma relação originária do significante com o gozo. O significante tanto introduz uma perda de gozo quanto produz um suplemento de gozo (MILLER, 2012, p. 32).

A INEXISTÊNCIA DO OUTRO E A CONSISTÊNCIA DO GOZO

No início dos anos 1970, Lacan fará uma inversão que incidirá sobre todo seu ensino. Apesar de, por muito tempo, a psicanálise ter enfatizado a exploração do Outro como tesouro do significante e lugar da verdade, Lacan proporá, de *O seminário, livro 20: mais ainda* (1972-1973/1985) em diante, pensar o tratamento psicanalítico a partir dessa búscula decisiva que é a substância gozante.

Nesse momento, um outro regime do gozo torna-se perceptível no ensino de Lacan. Não se trata mais do “mais de gozar”, mas de um gozo absoluto, e o objeto a não será suficiente para alcançá-lo. Lacan define o gozo como uma espécie de fundo informe que pode inclusive transbordar e faz dele um ponto no infinito que nenhuma manobra métrica permite alcançar e domesticar. Trata-se de um gozo impossível de ser negatizado pela operação da castração.

Gozar supõe um corpo afetado e perturbado por tal gozo. É por esse motivo que, em seu último ensino, Lacan opera um retorno e uma ênfase ao corpo. Há gozo enquanto propriedade de um corpo vivo e que fala. “Propriedade do corpo vivo, sem dúvida, mas nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que um corpo, isso se goza” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 35). Ele é o produto do encontro do corpo com o significante. Esse encontro, esse acontecimento, mortifica o corpo, mas também marca esse corpo com um vestígio inesquecível.

A primazia do gozo no ensino de Lacan produzirá efeitos de reformulação em vários conceitos. Destacaremos dois desses conceitos que consideramos essenciais para o entendimento da referida mudança na sintomatologia das crianças: as noções de linguagem e de sujeito.

A própria linguagem enquanto uma estrutura simbólica, ordenada pelas leis do significante, passa a ser considerada como derivada e não mais originária. A linguagem seria, portanto, derivada de *alíngua*,¹ língua primeira, dita materna. Com ela, Lacan indica a aliança originária entre o gozo e a palavra.

Com a noção de *alíngua*, Lacan se distancia de sua primeira concepção de linguagem como tesouro de significante. Para ele, a linguagem, enquanto uma estrutura, longe de ser primária, ou seja, já dada, corresponde a uma elucubração de saber feita a partir de *alíngua*. Esta corresponde a algo que escapa a qualquer sistema e organização; trata-se de uma língua disjunta da estrutura de linguagem e que se apresenta antes de seu ordenamento gramatical. *Alíngua* é o conceito que indica que o significante serve para o gozo. É com os vestígios deixados por *alíngua* que o sujeito poderá se arranjar

² No original, *lalangue*. Neologismo francês cunhado por Jacques Lacan (1972) e traduzido para o português como *alíngua*. O conceito de *alíngua* responde à necessidade de abordar manifestações que não se inscrevem no âmbito social da língua, que ignoram a comunicação e que não visam ao outro. Ela é constituída de detritos que ressoam da língua falada pelo Outro (BASTOS: FREIRE, 2006).

em sua existência – por meio de um saber fazer com ela. Esses vestígios de *alíngua* serão encontrados nos sintomas.

A linguagem, sem dúvida, é feita de *alíngua*. É uma elucubração de saber sobre *alíngua*. Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com *alíngua*. E o que se sabe fazer com *alíngua* ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem. (LACAN, 1972-1973/1985, p. 190).

Outra importante reformulação de Lacan em seu ensino, estabelecida a partir da primazia do gozo, concerne ao próprio conceito de sujeito. Lacan redefinirá seu conceito de sujeito – este não será mais representado pela ideia segundo a qual um sujeito é um significante para outro significante –, introduzirá, na origem do sujeito, o gozo e formulará o conceito de *falasser* (MILLER, 2007).

A designação “*falasser*” é um neologismo lançado em *O seminário, livro 23: o sintoma* (LACAN, 1975-1976/2007, p. 14) com o objetivo de substituir a palavra freudiana *inconsciente*. O termo indica que o sujeito possui um corpo afetado pelos efeitos do significante e que, nesse sentido, ele não é puro efeito da lógica. O *falasser* denota a existência de um ser pelo fato de que esse ser fala e tem um corpo (MILLER, 2016).

A principal consequência do conceito de *falasser* é esclarecer que o sujeito surge não da relação com o significante, como definido no primeiro ensino de Lacan, mas da relação indizível com o gozo. Há, desse modo, dois tempos distintos da produção de um sujeito: o da relação com o gozo e o da relação com o Outro (MILLER, 2008).

Da mesma forma que não há sujeito prévio, não há um Outro que existe *a priori*. O Outro se produz somente como uma elucubração, uma produção, *a posteriori*, do sujeito como efeito de *alíngua* (FREIRE, 2017). O Outro não é nem prévio e nem absoluto e, por isso, não há “Outro do Outro”. O prévio e o absoluto estão localizados do lado do gozo.

Enfim, não há Outro, mas há gozo. Toda essa reformulação indicará o reino do gozo, do gozo Uno. Trata-se do Um totalmente só, separado do Outro. Desse modo, o gozo provém do Um e não estabelece relação com o Outro. Diz Lacan: “[...] o que implica esse dizer, que venho enunciar, de que o gozo não convém – *non decet* – à relação sexual. Por causa de ele falar, o tal gozo, ela, a relação sexual não há” (1972-1973/1985, p. 83).

Assim, no início do ensino de Lacan, a relação com o Outro era originária. Na perspectiva do gozo, a relação com o Outro aparece como problemática e secundária, derivada de uma operação sobre o gozo. O que estará no centro do discurso analítico é o Um-sozinho.

Sem dúvida, Lacan começou por ordenar a experiência analítica pelo campo do Outro, mas para demonstrar em seguida que, definitivamente, esse Outro não existe [...]. O que existe é o Um-sozinho.

O Um-sozinho, uma análise começa por aí: quando alguém não tem nenhum outro recurso senão confessar-se exilado, deslocado, indisposto, em desequilíbrio no cerne do discurso do Outro. E é para buscar na análise um “outro” Outro, um Outro que alguém tem o prazer de inventar à sua medida, um Outro suposto saber o que atormenta o Um-sozinho. Mas sabemos que esse Outro está destinado a dissipar-se, esvanecer-se até que permaneça o Um-sozinho. (MILLER, 2013, p. 14).

Como esse Um do gozo repercute no corpo, especialmente no corpo da criança?

O CORPO DA CRIANÇA: AFETADO POR ALÍNGUA

“Falo com meu corpo, e isto, sem saber” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 161). Três anos após introduzir essa fórmula em seu *O seminário, livro 20: mais, ainda* (LACAN 1972-1973/1985), Lacan a retoma, em junho de 1975, em sua conferência “Joyce, o Sintoma”: “[...] é preciso sustentar que o homem tem um corpo, isto é, que fala com seu corpo, ou, em outras palavras, que é *falasser* por natureza” (LACAN, 1975/2003c, p. 562). O poder de ser afetado é uma propriedade essencial do corpo humano. É essa paixão, essa palpitação da carne, essa substância gozante que nos dá uma ideia do que é um ser vivo marcado, afetado pelas paixões desconhecidas.

No último ensino de Lacan, deparamo-nos com o mistério do corpo falante e com uma mudança de seu registro. O corpo é abordado em sua vertente de gozo, ou seja, em sua vertente real. Para se manter unido, necessita estar amarrado aos registros imaginário e simbólico. A maneira pela qual se dá essa união entre o corpo, a substância gozante e a fala torna-se um mistério para Lacan (1972-1973/1985).

Nessa perspectiva, o corpo se revela como caixa de ressonância que depende da materialidade sonora do significante. A linguagem é como um pequeno parasita que habita o corpo, uma espécie de órgão especial que faz ressonância. Assim, não existe fala sem um corpo que a emita ou, mais precisamente, que a produza. Trata-se de um corpo instrumento, encarnação da fala. Nas palavras de Miller:

A fala é algo do significante que é alojado no corpo vivo e que, aliás, o deixa cansado. Concorro que ouvir é cansativo. É cansativo porque também se tem a fala que entra no corpo pelos ouvidos. Existe a fala como matéria fônica, que deve ser produzida através de movimentos no corpo. (MILLER, 1999, p. 31).

Ele acrescenta logo em seguida:

Certamente existem palavras que se introduzem nos corpos e que neles permanecem, enquanto outras se dissipam. É isso que, no mínimo, a experiência analítica demonstra: houve falas determinantes cujos efeitos marcaram profundamente o funcionamento do corpo. É necessário, certamente, nos darmos conta disso de forma mais precisa. (MILLER, 1999, p. 57).

Encontramos essa maior precisão na abordagem da maneira como a fala impacta o corpo na discussão realizada por Laurent em *O avesso da biopolítica* (2016). Pensando sobre as elaborações de Lacan em seu último ensino – o trauma se dá no corpo por meio da incidência de uma língua anterior à linguagem, a *alíngua* –, Laurent localiza três tempos da operação de inscrição do gozo no corpo. Primeiramente, temos a emergência de gozo, que faz traumatismo; impacto de gozo que se escreve como sintoma na superfície do corpo escavado pelos significantes. Em um segundo tempo, o choque produzido no corpo transforma-se em um dizer por meio de um equívoco, portanto, sem o saber. Por fim, temos o tempo do saber, que só pode ser deduzido *a posteriori* partindo dos equívocos da fala.

O corpo é, assim, o lugar onde se experimentam os afetos e as paixões, muitas vezes desconhecidos. Denominar o corpo de “falante” significa dizer que ele não cessa de fazer irrupção por meio das significações pessoais da língua primeira que atravessa o *falasser* (LAURENT, 2016).

Como dissemos anteriormente, essa língua primeira, *alíngua*, consiste nos detritos da fala do Outro, experimentados como gozo, que se depositam no corpo da criança. Ela é isso que se deposita e que, por vezes, não é subjetivado e nem transformado em enunciação; que não pode ser apropriado pelo sujeito; é aquilo que o torna prisioneiro fazendo de seu corpo um objeto de gozo. *Alíngua* produz efeitos de afeto sobre o corpo que exigem do sujeito invenções, um saber fazer com isso (BASTOS; FREIRE, 2006).

Alíngua é, portanto, feita de restos, resíduos e pedaços de significantes vindos de fora que afetam o sujeito, marcando seu corpo. Trata-se de algo que sinaliza a presença do real que se encarna em efeitos corporais, como acontecimentos de corpo (FREIRE, 2017).

Nesse sentido, há um corpo afetado pela linguagem que não fala, mas que constitui signos de gozo que se repetem. Esses signos evocam a presença muda, no corpo, de um gozo que ultrapassa o registro fálico. Para Pascale Fari (2013), nosso corpo foi moldado e atingido pelo encontro com a língua que falou de nós. Esse encontro torna-se imemorial e mítico, produzindo o traumatismo constitutivo da subjetividade. Trata-se de fixações de gozo no corpo, “pedaços” de real que escapam à articulação significativa e à mortificação simbólica. Quando falamos, atualizamos esse traumatismo primeiro e, por isso, cada tomada de palavra é uma tentativa de acomodar e exorcizar os efeitos de *alíngua* sobre o corpo.

Assim, se, para Lacan (1975-1976/2007), o sintoma é condicionado por *alíngua*, na criança, encontramos seus efeitos que se encarnam, a partir dos ditos da mãe, nos sintomas no corpo, constituindo-se como marcas de gozo.

A PRESENÇA DE ALÍNGUA E DO UM DO GOZO NOS SINTOMAS DA CRIANÇA

Em sua conferência *El uno del goce en la infancia: de Freud a Lacan*, Fabian Fajnwaks (2020) esclarece como o Um do gozo incide na criança e em seus sintomas. Para o autor, pode-se isolar dois Uns na infância e diferenciá-los dentro da teoria psicanalítica: o Um do gozo pulsional e o “Há Um”.

O Um do gozo pulsional se refere ao circuito fechado, solipsista, da pulsão, que se satisfaz em torno das zonas erógenas. Freud apresenta esse circuito da pulsão em sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1989). A pulsão é parcial e autoerótica, mas, em seu percurso, se dirige ao Outro, retorna e volta a fechar-se sobre si mesma. Essa atividade autoerótica é despertada nesse percurso de dirigir-se ao Outro. Há, desse modo, um paradoxo nesse autoerotismo, já que ele é autoerótico, mas também é produzido pela intervenção do Outro. Portanto, esse Um do gozo pulsional e autoerótico se apresenta na infância como Um localizado no interior da relação com o Outro.

Por outro lado, o segundo Um presente na infância, o “Há Um”, não se superpõe e não corresponde a esse Um pulsional. Lacan deduz esse Um a partir da extensão do gozo feminino ao conjunto da experiência do ser falante – o que Miller discute em seu último curso, “O ser e o Um”, na lição do dia 2 de março de 2011. Nesse seminário, Miller (2011) fará do gozo feminino um paradigma para o gozo, acentuando seu caráter ilimitado, que excede à significação fálica, subtraído da lógica e da maquinaria edípica. Trata-se de um gozo reduzido ao acontecimento de corpo, não simbolizável, indizível, que tem afinidades com o infinito. Um gozo opaco, sem dialética, que não pode ser negativado por meio das operações da linguagem. Um gozo radicalmente singular que é experimentado no corpo e que dispensa o Outro. Enfim, trata-se de uma instância do gozo do Um, fora do sentido, produtora de uma satisfação autística e do gozo solitário do “Há Um”.

De que maneira esse gozo se expressa nos sintomas das crianças?

Em *Nota sobre a criança* (1969/2003b), Lacan apresenta as duas vertentes dos sintomas nas crianças as quais permitem ordenar duas direções clínicas distintas. De um lado, estão os sintomas que respondem à verdade do par parental e que, portanto, se situam no registro do Outro, surgem como resposta ao seu desejo ou à sua demanda. Trata-se de sintomas que revelam o retorno do recalçado e se apresentam, por exemplo, sob as formas de fobias, inibições da aprendizagem, dificuldades de linguagem. Indicam uma tentativa de responder, de modo metafórico, ao enigma do desejo ou

aos embaraços diante da demanda do Outro. Nessas patologias que implicam a relação com o Outro, encontramos um curto-circuito com ele (o Outro) como um modo de defesa ao Um pulsional (FAJNWAKS, 2020).

De outro lado, encontramos os sintomas que não obedecem a essa estrutura e situam-se como uma resposta encarnada naquilo do Outro que não pôde ser depurado pela linguagem. Trata-se de sintomas que decorrem da subjetividade da mãe sem relação com a verdade do par parental. Nessa perspectiva, a criança encarna o objeto da fantasia materna, ou seja, encarna o que desse Outro não pôde ser simbolizado: o gozo. Segundo Lacan, isso ocorre quando:

[...] a distância entre a identificação com o ideal do eu e o papel assumido pelo desejo da mãe, quando não tem mediação (aquela que é normalmente assegurada pela função do pai) deixa a criança exposta a todas as capturas fantasísticas. Ela se torna objeto da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto. (LACAN, 1969/2003b, p. 369).

Nessa situação, de acordo com Lacan (1969/2003b), com seu sintoma, a criança satura a falta da mãe, ficando na posição de um objeto dejetado ou entrando em uma relação imaginária com ela. Os sintomas têm menor alcance no que diz respeito às nossas intervenções como analistas. A criança funcionaria como o objeto pequeno a da mãe, encarnando ou dando corpo àquilo que do Outro não pode ser metaforizado.

De acordo com Fajnwaks (2020), é exatamente nessa posição – de criança situada como objeto do fantasma da mãe – que poderemos dar conta da presença do Um do gozo na psicanálise com crianças.

Em *Alocução sobre as psicoses da criança* (1967/2003a),² Lacan, fazendo referência a Winnicott e a seu objeto transicional, discute como o ponto importante a ser investigado não é tanto que o objeto transicional preserve a autonomia da criança em relação à mãe, mas que a criança mesma sirva ou não como objeto transicional da mãe. O importante, assim, é que a criança não encarne esse objeto transicional para a mãe, ou seja, que ela não encarne o objeto do qual a mãe não possa separar-se ou desprender-se, obturando assim sua falta e fixando-a como objeto de gozo.

Para Laurent (1999), no ensino de Lacan, o estatuto da criança se desloca do falo ao objeto a. Nos dois textos lacanianos dedicados à criança – *Nota sobre a criança* e *Alocução sobre as psicoses da criança* –, destacam-se as consequências da introdução da teoria do objeto pequeno a, a qual nos permite evidenciar que nem tudo é simbólico na experiência do jovem falante. Para o autor, à medida que Lacan avança em sua conceituação do objeto pequeno a como objeto condensador de gozo, esse lugar do Outro como tesouro dos significantes se reduz progressivamente até se tornar um lugar de localização do gozo.

Ainda de acordo com Fajnwaks (2020), pode-se encontrar certa dificuldade em situar esse Um do gozo na infância, porque o jovem ser falante se encontra tomado pelo Outro na operação de alienação e separação. A operação de separação, ao extrair um objeto do campo do Outro, permite que o gozo possa se localizar nesse objeto, protegendo a criança e seu corpo de se constituírem como objeto que condensa o gozo do Outro. A consequência dessa operação de extração do gozo, na qual intervém a castração do lado da separação, é a saída da relação alienante com o Outro. A estruturação do fantasma em torno desse objeto marca definitivamente a relação do sujeito com os demais objetos do mundo.

O primeiro ensino de Lacan já havia indicado como a sexualidade feminina seria uma preliminar no tratamento da criança e no entendimento dos seus sintomas. Lacan afirma, assim, que se torna determinante, para cada sujeito, a relação da mulher, que se encontra, como sua mãe, com sua própria falta (MILLER, 1995). Entretanto, no segundo ensino laciano, temos a referência não mais à falta da mãe, mas a seu gozo. Assim, quando o sujeito tem acesso ou está exposto ao gozo da mãe, mais precisamente ao gozo da mulher presente na mãe, ele se depara com o Um do gozo do lado do Outro materno. Trata-se do gozo em excesso, que excede ao simbólico, que não se deixa reduzir pelo falo e se localizar em um objeto mais de gozar. Os efeitos da captura da criança nesse gozo são devastadores e perturbadores para seu corpo.

Esses efeitos tornam-se evidentes nos casos das crianças psicóticas e autistas, capturadas nesse gozo solitário e sem possibilidade de metaforização. Elas precisam arranjar-se com o gozo não negatizado que retorna no real sem o auxílio do funcionamento fantasmático e sem o auxílio de um discurso estabelecido.

Silvia Tendlarz (2015) descreve uma série de perturbações no corpo da criança psicótica. Segundo a autora, as crianças podem começar, por exemplo, tendo sensações corporais ou um sentimento de alteração ou de estranheza antes da construção de um delírio. Fragmentações corporais e vacilações imaginárias estão presentes, produzindo efeitos sobre o corpo, passagens ao ato auto ou heteroagressivas.

Esse sofrimento que advém do corpo na criança psicótica é corroborado por Barroso (2014). Para a autora, haveria uma predominância dos distúrbios corporais na psicose infantil, revelando os excessos no corpo. Porém, esses distúrbios que envolvem o corpo – tais como as descoordenações motoras, as agitações, o mau funcionamento dos órgãos de nutrição e excreção –, quando não são articulados ao campo da linguagem, são reduzidos, pelo discurso médico, a déficits cognitivos e/ou a deficiências.

No caso das crianças autistas, Laurent (2014) descreve como o gozo a mais retorna sobre o corpo, indicando sua falta de negatização, efeito do fenômeno foraclusivo. A ideia de uma borda de gozo remete ao fato de que um sujeito que não tem envoltório corporal, que não construiu um corpo, produz uma neobarreira corporal dentro da qual ou sob a qual se

² Alocução pronunciada em Bonneuil, instituição criada por Maud Mannoni.

encerra e se defende da presença invasiva do Outro.

Ao demarcar o mecanismo próprio do autismo, mais radical que aquele da psicose, denominado a “forclusão do furo”, Laurent (2014) indica como as crianças autistas estão imersas no real, no qual não falta nada, nada pode ser extraído. Esse mecanismo tem o efeito subjetivo de tornar o mundo inviável por causa de um excesso de gozo que invade o corpo.

Quanto ao campo da linguagem, é possível também evidenciar a presença desse Um do gozo e suas perturbações. Não faltam literalidades, desarranjos gramaticais, neologismos e a proliferação de acentos estranhos. Deparamo-nos com as ecolalias, os significantes que retornam sem associar-se a nenhum S2, a nenhum outro significante, para então produzir um efeito de significado e significação. Produz-se um enxame de S, lugar da pura iteração do S1 sozinho que não remete a nenhum sentido, que se repete e itera a cada vez sem dialética, presente tanto nas crianças autistas como nas psicóticas. Esse Um sozinho não tem Outro (MALEVAL, 2017).

Na *Conferência de Genebra sobre o sintoma*, Lacan se refere aos autistas como “verbosos” (1975/1998, p. 12), afirmando que eles, os autistas, escutam a si mesmos. São verbosos ao sofrerem de um excesso de verbo, esclarecem Bastos e Freire (2006). O verbo é, para as crianças autistas, excessivo, predominantemente gozo e, por isso, não demarca um lugar simbólico no Outro.

No entanto, não é somente na criança autista e psicótica que verificamos a presença desse Um sozinho que não permite articular o ser falante ao Outro, condenando-o a um gozo solitário. Fajnwaks (2020) também localiza a presença desse Um em alguns casos diagnosticados como hiperatividade. Nessas situações, encontramos a agitação angustiada da criança ali onde justamente não se produziu uma extração do objeto pela intervenção da operação de castração. Desse modo, a criança se encontra envolta no gozo da mãe, tomada de maneira direta pelo fantasma materno sem a mediação que o significante permite. A dificuldade consiste em encontrar uma palavra ou algum significante que opere uma extração de gozo presente no corpo da criança e que permita acalmar essa agitação.

Outros sintomas também nos permitem deduzir a presença desse gozo solitário nas crianças. As adições em relação a objetos eletrônicos como *videogames*, *tablets*, *smartphones*, muito frequentes na clínica contemporânea, evidenciam a presença desse gozo mudo, que só tem relação com o S1 e não com o S2 e que, portanto, não tem dialética e não faz cadeia. As crianças permanecem imersas em suas telas, satisfazendo-se de forma autística com seus objetos, dispensando o Outro.

A CLÍNICA CONTEMPORÂNEA COM CRIANÇAS: DO UM AO OUTRO

A presença desse gozo mudo impõe uma dificuldade para a condução do tratamento e para as intervenções clínicas. Ao nos depararmos com o ser falante que se mantém isolado na solidão de seu gozo autístico, deparamo-nos também com a ausência de suposição de saber e, conseqüentemente, com a ausência de endereçamento ao Outro. Defrontamo-nos, então, com a consistência do Um sozinho sem o Outro.

Para Miller e Laurent (1996/2005), nosso modo contemporâneo de gozar está conformado pelo estatuto autístico do gozo. Nesses casos, forçar o sintoma em seu estatuto “autístico” a se reconhecer como significado do Outro, ou seja, como articulado ao campo do Outro, torna-se um problema, uma operação difícil de ser realizada.

Diante disso, como produzir a suposição de saber e as condições para o tratamento analítico?

Maurício Tarrab (2005) propõe a produção de sintomas não ao modo freudiano, mas sintomas que possam cifrar o gozo opaco. Para isso, a intervenção do analista precisa ir além da interpretação, apontando para o gozo. A aposta analítica é fazer com que se traduza em termos de saber o que se realiza como gozo. Ao permitir que o gozo opaco e solitário do Um possa cifrar-se no inconsciente, abre-se a via de alguma possibilidade de decifração. Fazer existir o inconsciente por meio da transferência e da suposição de saber permitirá cifrar o gozo e tecer uma nova inscrição. Nessa perspectiva, o autor sugere que se opere uma reconstrução do Outro a fim de produzir o efeito sujeito, extraíndo algo desse Outro barrado para que o sujeito possa advir. Nessa clínica, a intervenção do analista utiliza menos sentido e interpretação e mais “presença do analista”, sinalizada por meio do interesse pelo que o analisante fala, pelo que não fala, pelo pouco que fala, para extrair esse ser do campo do gozo. Busca-se algum significante que sirva de orientador e valoriza-se o saber que o próprio sujeito traz. Valoriza-se sua língua a fim de que se possa passar do reino do Um ao campo do Outro.

Se não há Outro do Outro, ou seja, o Outro inexistente, o que as crianças podem inventar nesse lugar?

De acordo com Miller, no texto *A invenção psicótica* (2003), a invenção é sempre proveniente dos impasses da relação com a *alíngua*, ou seja, o modo como o sujeito se arranja com esse significante que não se encadeia, que constitui um choque em si mesmo. Para Miller, pode-se abordar as invenções em duas vertentes: as invenções advindas daqueles que se servem do discurso estabelecido, do pai e do simbólico e tratam o gozo tipicamente pelo Nome do Pai e, conseqüentemente, pela significação fálica; e as invenções advindas daqueles que não contam com o discurso estabelecido, fazendo equivaler as invenções à operação de uma bricolagem.

Porém, independentemente da estrutura (psicose ou neurose), a clínica com crianças nos ensina que a invenção, mínima que seja, do campo do Outro, por meio da extração do gozo em excesso, permite que elas tenham um pouco mais de mobilidade e menos petrificação em uma determinada posição. Sendo assim, diante da inexistência do Outro,

é necessário inventar um Outro que possibilite retirar o ser falante da solidão de seu gozo.

O Outro, não sendo prévio, é um lugar produzido por meio do apagamento do Um original. De acordo com Miller (2011), a fórmula de Lacan indica que o Outro é “Um em menos”, ou seja, é somente com o apagamento do Um que se torna possível a constituição do lugar do Outro e a produção da cadeia significativa. Sendo assim, na análise, busca-se restituir o dois, acrescentando ao Um sozinho o S2 que lhe permitirá, ao produzir a cadeia, fazer sentido e, posteriormente, se deparar com aquilo que não muda, insiste e itera (MILLER, 2011).

Em nossa clínica com crianças, podemos nos perguntar como, na posição de analista, reconhecer e ser parceiro nessa invenção de cada um.

Recebido em: 19 de março de 2021. **Aprovado em:** 27 de setembro de 2022.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, S. F. *As psicoses na infância: o corpo sem a ajuda de um discurso estabelecido*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.
- BASTOS, A.; FREIRE, A. B. Sobre o conceito de *alíngua*: elementos para a psicanálise aplicada ao autismo e às psicoses. In: BASTOS, A. (org). *Psicanalisar hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006, p. 107-122.
- COUTO, M. P. *O fracasso escolar e a família: o que a clínica ensina?* Belo Horizonte: Scriptum, 2012.
- FAJNWAKS, F. *El uno del goce en la infancia*: de Freud a Lacan. Seminario Campo Freudiano Sevilla Cádiz. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OzmdyxKgPS0>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- FARI, Pascale. O corpo afetado. *Carta de São Paulo online*, n. 4, 2013. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/wp-content/uploads/2016/11/ano-III-004.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- FREIRE, A. B. O lugar da criança (entre a mãe e a mulher) ou “lalíngua, não por acaso, dita materna”. *Opção Lacaniana online* nova série, ano 8, n. 23, 2017. Disponível em: http://www.opcoalacanianana.com.br/pdf/numero_23/O_lugar_da_crianca.pdf. Acesso em: 16 mar. 2021.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 117-230. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7)
- LACAN, J. Alocução sobre as psicoses da criança (1967). In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003a, p. 359-371.
- LACAN, J. *As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (O seminário, 5)
- LACAN, J. *As psicoses* (1955-1956). Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (O seminário, 3)
- LACAN, J. Conferência de Genebra sobre o sintoma (1975). *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 23, 1998, p. 6-16.
- LACAN, J. *De um Outro ao outro* (1968-1969). Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (O seminário, 16)
- LACAN, J. Joyce, o Sintoma (1975). In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003c, p. 560-566.
- LACAN, J. *Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (O seminário, 20)
- LACAN, J. Nota sobre a criança (1969). In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003b, p. 369-370.
- LACAN, J. *O desejo e sua interpretação* (1958-1959). Rio de Janeiro: Zahar, 2016. (O seminário, 6)
- LACAN, J. *O sintoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2007. (O seminário, 23)
- LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1995. (O seminário, 11)
- LACAN, J. ... *ou pior* (1971-1972). Rio de Janeiro: Zahar, 2012. (O seminário, 19)
- LAURENT, É. *A batalha do autismo: da clínica à política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- LAURENT, É. As novas inscrições do sofrimento da criança. In: LAURENT, É. *A sociedade do sintoma. A psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.
- LAURENT, É. *Falar com seu sintoma, falar com seu corpo*. Argumento do VI ENAPOL – VI Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana. 2012. Disponível em: http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Argumento/Hablar-con-el-propio-sintoma_Eric-Laurent.html. Acesso em: 16 mar. 2021.
- LAURENT, É. *Hay un fin de análisis para los niños*. Buenos Aires: Coleccion Diva, 1999.
- LAURENT, É. *O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- MALEVAL, J.-C. *La forclusión del Nombre del Padre: el concepto y su clínica*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- MALEVAL, J.-C. *O autista e a sua voz*. São Paulo: Blucher, 2017.
- MILLER, J.-A. A invenção psicótica. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 36, p. 6-16, 2003.
- MILLER, J.-A. *A lógica na direção da cura*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – MG, 1995.
- MILLER, J.-A. *Elementos de biologia lacaniana*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – MG, 1999.
- MILLER, J.-A. Falar com seu corpo. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 66, p. 11-17, 2013.
- MILLER, J.-A. O inconsciente e o corpo falante. *Scilicet: O corpo falante. Sobre o inconsciente no*

- século XXI. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.
- MILLER, J.-A. *O ser e o Um*. Inédito. 2011.
- MILLER, J.-A. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana online*, ano 3, n. 7, 2012. Disponível em: http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf. Acesso em: 16 mar. 2021.
- MILLER, J.-A. Uma leitura do Seminário: de um Outro ao outro. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 48, p. 9-42, 2007.
- MILLER, J.-A. Uma leitura do Seminário: de um Outro ao outro. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 49, p. 12-47, 2007.
- MILLER, J.-A. Uma leitura do Seminário: de um Outro ao outro. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 51, p. 9-41, 2008.
- MILLER, J.-A.; LAURENT, Éric. *El Otro que no existe y sus comités de ética* (1996). Buenos Aires: Paidós, 2005.
- TARRAB, M. Produzir novos sintomas. *Correio*, Belo Horizonte, n. 52, p. 36-44, 2005.
- TENDLARZ, S. E. *Clínica del autismo y de las psicosis en la infancia*. Buenos Aires: Colección Diva, 2015.

Margaret Pires do Couto
coutomargaret@gmail.com